

A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DA CIÊNCIA DA RELIGIÃO NO BRASIL

SCIENTIFIC DISSEMINATION OF STUDY OF RELIGION IN BRAZIL

LA DIVULGACIÓN CIENTÍFICA DE LA CIENCIA DE LA RELIGIÓN EN BRASIL

Jandher Gomes*

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
Programa de Estudos Pós-graduados em Ciência da Religião.
São Paulo, SP, Brasil.
E-mail: jandhergomes@gmail.com
ORCID: 0009-0008-1101-0825

Resumo:

O presente artigo aborda como a Ciência da Religião realiza a divulgação científica da disciplina no Brasil. Seu objetivo é analisar a compreensão da disciplina sobre divulgação científica e explorar como o conhecimento produzido pelos programas de pós-graduação em Ciência da Religião no Brasil é revertido em benefício para a população. Foram aqui explorados os ganhos da divulgação científica para a Ciência da Religião no Brasil. E através de entrevistas, mapeadas as lacunas e percepções quanto a divulgação científica da disciplina. Constatou-se que a área não compreende o emprego da divulgação científica como a produção do conhecimento científico especificamente para a população – mas entende a necessidade em fazê-lo.

Palavras-chave: Ciência da Religião. Divulgação científica. Popularização da ciência.

Abstract:

This article looks at how the Science of Religion carries out the scientific dissemination of the discipline in Brazil. Its objective is to analyze the discipline's understanding of scientific dissemination and, more specifically, to explore how the knowledge produced by graduate programs in the Science of Religion in Brazil benefits the population. The potential benefits of the scientific dissemination of the Science of Religion in Brazil were explored. Through interviews, gaps and perceptions regarding the scientific dissemination of the discipline were mapped. It was found that the field does not understand the use of science communication as the production of scientific knowledge for the population - but it does understand the need to do so.

Keywords: Study of Religion. Scientific dissemination. Science popularization.

Resumen:

Este artículo examina cómo la Ciencia de la Religión lleva a cabo la divulgación científica de la disciplina en Brasil. Su objetivo es analizar la forma en que la disciplina entiende la divulgación

* Mestrado em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Graduação em Relações Internacionais pela Universidade Anhembi Morumbi.

científica y, más concretamente, explorar cómo el conocimiento producido por los programas de postgrado en Ciencias de la Religión en Brasil beneficia a la población. Se exploraron aquí los beneficios potenciales de la divulgación científica de la Ciencia de la Religión en Brasil. A través de entrevistas, se mapearon las lagunas y percepciones sobre la divulgación científica de la disciplina. Se encontró que el campo no entiende el uso de la comunicación de la ciencia como la producción de conocimiento científico para la población - pero sí entiende la necesidad de hacerlo.

Palabras clave: Ciencia de la Religión. Divulgación científica. Divulgación científica.

1. INTRODUÇÃO¹

A ciência ocupa um lugar de destaque na sociedade. Um relatório publicado pela *Welcome Trust*, em 2019, a partir de um estudo feito com mais de 140.000 pessoas ao redor do mundo, aponta que 72% da população mundial têm alto e médio grau de confiança nos cientistas. Já no Brasil, o Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações, junto ao Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, realizou, em 2019, uma pesquisa sobre a *Percepção Pública da Ciência e Tecnologia no Brasil*, trazendo o resultado de que 73% dos entrevistados acreditam que a ciência traz mais benefícios do que malefícios à sociedade. Ainda, de acordo com essa mesma pesquisa, apontou-se uma percepção geral de que a ciência possui a capacidade de ajudar a sociedade – e que os cientistas “são pessoas inteligentes que fazem coisas úteis à humanidade” (Brasil, 2019, p. 41).

Nesse sentido, a divulgação científica ou, como explica Bueno (1985), a divulgação por meio dos recursos, técnicas e processos com fim de veicular informações científicas e tecnológicas à população (entendida como público leigo em geral), auxilia na compreensão desse processo. Mais do que isso, a divulgação científica, sendo resultado de um processo histórico de evolução da comunicação científica, resume as necessidades da ciência para com a sociedade: traduzir seus resultados de forma compreensível e direcionada ao público não especializado. Isto possibilita criar um elo essencial entre a produção de conhecimento científico e a sociedade, promovendo esclarecimento e trazendo informação, de modo confiável.

Ao considerarmos este panorama, ao investir na divulgação científica, acreditamos que Ciência da Religião possa reverter seu conhecimento de modo útil a população e ainda se adequar a uma necessidade e uma expectativa, tanto em relação a ciência quanto em relação ao cientista. Portanto, por meio deste estudo, buscamos analisar como a Ciência da

¹ O presente artigo é fruto de uma dissertação intitulada *Reduzindo fronteiras: um estudo sobre a divulgação científica da Ciência da Religião no Brasil*, apresentada pelo autor ao programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 2023.

Religião realiza a divulgação científica da disciplina no Brasil. E mais especificamente, como os programas de pós-graduação em Ciência da Religião no Brasil compreendem a questão da divulgação científica da disciplina, ressaltando como suas percepções e lacunas impactam a produção da área e a reversão do seu conhecimento para a sociedade.

2. O QUE É DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA? E POR QUE INVESTIGÁ-LA?

A necessidade de investigar esse tema nasceu de uma pesquisa (interna) realizada com os alunos da pós-graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Tal pesquisa tinha o intuito de verificar o que pensavam os alunos a respeito do programa e de sua divulgação de modo geral. Assim, após realizá-la, estruturamos uma série de ações, por meio de um projeto para divulgação do curso. No entanto, com o tempo, percebemos que divulgar o conhecimento científico não era apenas uma questão daquele programa em específico, mas sim da disciplina como um todo. Assim, iniciou-se uma pesquisa sobre a divulgação científica da disciplina e constatou-se que o objeto *divulgação científica* tem muitas especificidades, além de carecer de estudos que tracem um paralelo entre ele e a Ciência da Religião, pois até o momento nada havia sido encontrado.

Desta maneira, seguindo adiante, primeiramente, torna-se necessário explicar o que de fato significa a divulgação científica, bem como fazer uma análise simples sobre as confusões relativas ao termo. Divulgação científica, ao contrário do que se pensa, não é somente divulgar o conhecimento científico.

Analisando as palavras que compõem a expressão divulgação científica, observa-se que a primeira delas vem do ato de *divulgar* e, quando consultada no dicionário da língua portuguesa (Ferreira, 2010), é apontada como “tornar algo público, propagar, publicar, fazendo-se conhecer”. Em resumo, a palavra *divulgar* indica o ato de tornar algo público, promover. Já a palavra *científica* trata-se de um adjetivo que indica algo pertencente ou relativo à ciência (Ferreira, 2010).

Seguindo a lógica do significado das palavras acima descritas, a divulgação científica poderia ser interpretada como o ato de divulgar a ciência ou de divulgar o conhecimento científico. Entretanto, esta não é uma interpretação correta, quando se leva em conta os conceitos de divulgação científica. As teorias que versam sobre divulgação científica apresentam singularidades que precisam ser compreendidas.

Como analisa Caribé (2015), a divulgação científica faz parte do campo de estudos da comunicação científica – um termo mais amplo que, segundo a autora, sugere todo e

qualquer processo de comunicação quanto à ciência. Reconhecendo a riqueza do universo no qual está inserida a divulgação científica, nota-se que existem vários outros termos – e que cada um deles possui uma especificidade:

As ocorrências mais comuns são: alfabetização científica, analfabetização científica, compreensão pública da ciência, comunicação científica, comunicação pública da ciência, cultura científica, difusão científica, disseminação científica, divulgação científica, educação científica, jornalismo científico, percepção pública da ciência, popularização da ciência, vulgarização da ciência (Caribé, 2015, p. 89)

Em seus estudos, Wilson da Costa Bueno (1985), pioneiro na investigação da divulgação científica no Brasil, estabelece uma diferenciação básica entre os termos *difusão*, *disseminação* e *divulgação científica*. Diferenciação esta que pode auxiliar no entendimento do que acontece na Ciência da Religião no Brasil.

Começando pelo conceito mais amplo, a difusão científica representa um processo geral que, na prática, como afirma Bueno (1985, p. 1420), “faz referência a todo e qualquer processo ou recurso utilizado para a veiculação de informações científicas ou tecnológicas”. Com essa definição, Bueno coloca a difusão científica como um guarda-chuva generalista, capaz de abarcar a divulgação e a disseminação científica.

Na sequência, reduzindo a abrangência do objeto, o autor segue para o segundo conceito, o de disseminação científica. Para ele a disseminação científica é “um processo que pressupõe a transferência de informações científicas e tecnológicas, transcritas em código (Bueno, 1985, p. 1420). Assim, quando pesquisadores escrevem artigos, realizam simpósios, seminários ou eventos cuja linguagem é carregada de jargões e nomenclaturas próprias daquela área estão, na verdade, fazendo disseminação científica.

Vale ainda ressaltar que por ser escrita em códigos especializados (ou em uma linguagem especializada, típica daquela área), de acordo com o autor, pode-se fazer a disseminação para cientistas da mesma área e áreas correlatas (chamada disseminação intrapares) ou para cientistas de outras áreas (chamada disseminação extrapares).

Por fim, afinilando o grau de especificidade e direcionamento, Bueno (1985, p. 1421) segue para o terceiro conceito chave, definindo a divulgação científica como a “[...] utilização de recursos, técnicas, processos e produtos para a veiculação de informações científicas e tecnológicas ao público em geral”. Ou seja, de acordo com o autor, a divulgação científica é direcionada à população leiga (ao público geral) e não aos cientistas, cientistas de áreas correlatas ou estudiosos da própria área.

Assim sendo, o que é preciso para cumprir tal especificidade de que o conhecimento deve ser direcionado ao público em geral? Muitos autores e autoras da divulgação científica² respondem a essa pergunta de forma simples: é preciso realizar a adaptação da linguagem.

Neste sentido a divulgação científica é viva, construída a partir de uma relação dialógica da sociedade com a ciência, como aponta Sheila Grillo (2013):

Já da perspectiva teórica bakhtiniana, interpretamos a divulgação científica como uma modalidade de relação dialógica promotora de um elo orgânico vivo entre a ciência, entendida como uma esfera ideológica constituída, e os estratos superiores da ideologia do cotidiano, que operam uma avaliação crítica viva dos produtos da ciência (Grillo, 2013, p. 79-80).

Sob uma outra perspectiva, analisando a divulgação científica como literatura, Mora (2003) realça que o discurso literário utilizado por divulgadores profissionais da ciência – como John Horgan, Nigel Calder, Richard Dawkins, Roger Lewin, por exemplo – é caracterizado por diversos recursos literários, além de recriar o conhecimento de forma inovadora. Em suas obras, divulgadores (as) da ciência utilizam-se de analogias, metáforas, figuras de linguagem, preocupações cotidianas e humanas, arte e cultura. Assim, o gênero literário, para a autora, é um elemento fundamental na divulgação científica.

Mas a divulgação científica também não é somente reformular a linguagem científica. Esse campo de estudos tem muitas riquezas e especificidades – e favorece reflexões profundas, inclusive sobre o papel do (da) cientista e sobre a estrutura e os incentivos para realizá-la.

Entretanto, a fim de seguir com o raciocínio traçado, algumas delimitações precisam ser feitas. Não se pretende aqui explorar todos os níveis da divulgação científica, mas apenas esclarecer o conceito e suas principais peculiaridades. Assim, reconhece-se que é no nível da divulgação de conhecimento científico voltado especificamente para a sociedade leiga no assunto em questão que se processa a divulgação científica, nos termos aqui referidos. Para tanto, a divulgação científica será definida neste trabalho em termos operacionais como a divulgação do conhecimento especificamente para o público leigo no assunto abordado (para a população) e que implica a transmissão da mensagem de uma maneira acessível e compreensível.

² Albagli (1996), Authier-Revuz, (1998), Bueno (1984; 1985), Cataldi (2007a; 2007b), Caribé (2015), Cassany (2003), Calsamiglia (1997), Grillo (2013), Mora (2003), Vogt (2011).

3. POR QUE DIVULGAR A CIÊNCIA DA RELIGIÃO?

Além dos dados relativos à confiança da população na Ciência, citados na introdução deste artigo, deseja-se reforçar aqui que a divulgação científica é essencial para a manutenção da democracia. Resultante da Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), ocorrida em Paris, entre 9 e 24 de novembro de 2021, em sua 41ª sessão, *A Recomendação da Unesco sobre a Ciência Aberta* (2022), reconhece a grande importância das áreas de ciência, tecnologia e informação para enfrentar os complexos problemas mundiais relativos a questões sociais, ambientais, econômicas, democráticas, entre outras. Ainda, o item (iv) *áreas de atuação*, que versa sobre “promover um entendimento comum sobre a ciência aberta, seus benefícios e desafios associados, assim como diversos caminhos que levam a ela” (Unesco, 2022, p. 21), aponta explicitamente a necessidade de “aprimorar a comunicação científica aberta para apoiar a divulgação do conhecimento científico para acadêmicos de outros campos de pesquisa, para tomadores de decisão e para o público em geral” (Unesco, 2022, p. 21).

Como afirmado, a ciência ocupa um lugar de destaque na sociedade. E o investimento na divulgação científica, é tido como um direcionamento necessário, capaz de influenciar e contribuir com organizações, instituições e com a manutenção do próprio Estado. Em suma: a ciência exerce um papel importante sobre vida das pessoas. Nesse sentido, levar o conhecimento científico para população é também uma necessidade.

Assim ao investir na divulgação científica, primeiramente podemos dizer que a Ciência da Religião não somente buscaria reverter seu conhecimento de modo útil a população, mas buscaria se adequar a uma necessidade e a uma expectativa, tanto em relação a ciência quanto em relação ao cientista. Além disso, mostrar sua existência é essencial para que a disciplina possa se fortalecer e se posicionar no cenário científico como uma fonte confiável de informação.

Por outro lado, no que tange à religião, vale lembrar que o conhecimento religioso acompanhou boa parte do desenvolvimento da humanidade, influenciando-a. No entanto, o conhecimento formulado apenas a partir da religião é carregado de uma visão nem sempre isenta, não se apresentando como um conhecimento científico. Isso por si só bastaria para identificar que, durante a história, o conhecimento acerca do universo religioso tem sido perpetuado de um ponto de vista muito específico e que, portanto, apresentá-lo sob a ótica da ciência é no mínimo, uma obrigação da Ciência da Religião para com a sociedade.

Pode-se dizer ainda que a divulgação científica da Ciência da Religião, pode auxiliar a população a compreender, de modo menos preconceituoso, o universo religioso. E ainda, que ela pode auxiliar a melhorar a compreensão pública a respeito da própria disciplina. Nesse sentido, a redução de preconceitos e intolerâncias, a redução de violências religiosas, da violência causada pela linguagem pejorativa quando se fala da religião do outro a partir do entendimento das diferentes possibilidades e realidades de crenças e religiões no mundo, também podem ser ressaltadas.

4. ENTENDIMENTOS E PERCEPÇÕES SOBRE A DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA DA CIÊNCIA DA RELIGIÃO NO BRASIL

Para que haja entendimento acerca das percepções da área quanto à divulgação científica da Ciência da Religião no Brasil, resume-se aqui a análise de entrevistas³ realizadas com coordenadores e professores de programas de pós-graduação em Ciência da Religião no Brasil⁴, com integrantes da área 44 de Ciências da Religião e Teologia⁵ e com membros da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Teologia e Ciências da Religião, realizadas como parte deste estudo.

Esta pesquisa foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, feitas presencialmente e por meio de videochamadas. Para conduzir tais entrevistas, elaboramos um roteiro com perguntas pré-definidas no intuito de mapear a compreensão dos entrevistados sobre o tema. Foram realizadas no total, 13 entrevistas.

Para análise dos resultados, adotamos a análise discursiva a fim de interpretar as narrativas, explorando significados e contextos subjacentes aos discursos dos entrevistados. Analisamos também as iniciativas citadas pelos participantes e que estavam de acordo com a definição operacional de divulgação científica definida previamente neste estudo.

Para a análise, as entrevistas foram divididas em dois momentos. No primeiro deles, fizemos perguntas fechadas relacionadas a compreensão da divulgação científica da disciplina no Brasil. Já no segundo, foram feitas perguntas abertas e optamos por identificar e analisar pontos em comum retratados nos discursos dos entrevistados. Estes pontos foram categorizados em grandes grupos ou contextos – e posteriormente organizados em ordem

³ Por determinação do Comitê de Ética e Pesquisa os participantes desta pesquisa não podem ser identificados, portanto serão omitidos quaisquer dados que permitam sua identificação.

⁴ Entrevistas aprovadas pelo Comitê de Ética e Pesquisa em 03.08.2023, sob parecer de nº 6.216.240. Como resultante da aprovação provida pelo citado comitê, os sujeitos não serão identificados.

⁵ A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior faz uma classificação da das áreas do conhecimento com a finalidade de sistematizar informações de maneira prática e objetiva.

decrecente, de acordo com o número de entrevistas em que apareceram. Com isso, nosso objetivo foi entender aquilo que mais se repetiu em todas as entrevistas, para que se fizesse uma análise qualitativa do discurso de modo estruturado, contemplando a recorrência de determinado temas.

Assim, os dados coletados e apresentados a seguir, estão organizados majoritariamente sob cinco grupos principais, permitindo traçar relações, fazer inferências e aprofundar a visão acerca do tema em questão.

4.1 Ponto de consenso: é preciso investir na divulgação para a população

Um ponto principal marcou as entrevistas realizadas neste estudo: independentemente de se ter conhecimento prévio do conceito de divulgação científica aqui abordado, foi unânime entre os sujeitos entrevistados que reverter o conhecimento e a produção da Ciência da Religião para a sociedade é uma necessidade, quando não uma obrigação.

No decorrer das entrevistas, quando questionados com a indagação: *Você acredita que se deva divulgar as informações produzidas pela área para a sociedade?*, foram obtidas respostas sempre favoráveis a divulgação científica:

Deveria. E quando eu digo que deveria, deveria, é para mim a noção maior que poderia. Quer dizer, poderia eu entendo, a gente pode, e eventualmente pode fazer ou não fazer. Acho que a questão hoje é um dever. É um dever, inclusive, nesse sentido, porque nós temos consciência da seriedade, da grandeza, do conhecimento que nós temos (Trecho 1)

Se eu não acreditasse nisso, eu não estaria aqui... Eu acho que as Ciências da Religião têm uma função muito importante que é desvendar. Por exemplo, toda a dinâmica de muitos movimentos sociais, ela tem como fundamentação informações e ensinamentos religiosos (Trecho 2).

Muito importante. A gente está produzindo para a sociedade. A gente ganha para isso. Então, assim, é um investimento público. E eu acredito que...nós precisamos criar meios como ultrapassar essa barreira. Porque a nossa área é nova, porque a gente tem alguns periódicos, não são muitos, mas tem bons periódicos. Estamos produzindo com a renda bruta, e agora, depois disso, como é que a gente pode criar um espaço de transmissão dessa pesquisa realizada? (Trecho 3).

Esses são alguns dos trechos das entrevistas que reforçam o reconhecimento da urgente necessidade de a disciplina estar mais presente na sociedade. E representam uma constatação favorável ao investimento da Ciência da Religião na divulgação científica. No entanto, o objetivo das entrevistas contempla também investigar mais profundamente, com ênfase na prática, como se dá a relação entre a Ciência da Religião e a divulgação científica

no Brasil. Portanto, ainda que haja consenso quanto à necessidade dessa iniciativa, no momento, pretendemos aqui também mapear lacunas e percepções que afetam essa relação.

4.2 Falta de clareza quanto ao conceito de divulgação científica

Nas entrevistas realizadas, a primeira pergunta do questionário estruturado era: *Como você enxerga a divulgação científica da Ciência da Religião no Brasil?* A intenção dessa pergunta era obter uma visão geral acerca da divulgação científica da disciplina na opinião do sujeito entrevistado e, ao mesmo tempo, desvendar o que ele compreendia por divulgação científica. Assim, começar as entrevistas explicando o conceito de divulgação científica não era uma opção, pois poderia influenciar as respostas.

A primeira grande questão a ser esclarecida e que permeou quase todas as respostas é a confusão que se faz entre o significado da palavra divulgação e termo divulgação científica. Para efeitos de mensuração quantitativa, esta confusão foi verificada em 90% das entrevistas realizadas. De modo geral, percebemos que os sujeitos entrevistados entendem que divulgação científica é a divulgação da ciência com direcionamento apenas para o meio acadêmico e, portanto, despida de qualquer especificidade em relação a quem essa comunicação se destina.

Ao analisar o recorte apresentado e, no contexto das teorias utilizadas, divulgação científica focada no meio acadêmico não existe, pois a divulgação científica é sempre focada na divulgação para a população⁶. Ainda, divulgação científica para um grande público, pode ser considerada uma redundância pois, novamente, a divulgação científica por natureza é focada na divulgação do conhecimento para a população – ou seja, para o grande público.

Antes da explicação do conceito que se usaria para este trabalho, é importante mencionar que não aparece nas entrevistas a ideia de que divulgação científica necessariamente implica em transmitir o conhecimento para a população, nem a especificidade de que é preciso tornar o discurso da divulgação palatável ao grande público, prerrogativas da divulgação científica consideradas essenciais para estudiosos e estudiosas do tema, como Albagli (1996), Authier-Revuz, (1998), Bueno (1984; 1985), Cataldi (2007a;

⁶ Mais uma vez, torna-se necessário reforçar que, nos levantamentos bibliográficos utilizados neste estudo, verificou-se diferenças entre o entendimento da divulgação científica como um gênero de linguagem específico ou com fruto de uma relação dialógica viva, além de outros questionamentos. No entanto, o que não se encontrou em nenhum momento, entre os estudiosos que se dedicam ao assunto, foi qualquer conceito que tratasse a divulgação científica como não sendo a divulgação da ciência especificamente para a população (fora da academia), Albagli (1996), Authier-Revuz, (1998), Bueno (1984; 1985), Cataldi (2007a; 2007b), Caribé (2015), Cassany (2003), Calsamiglia (1997), Grillo (2013), Mora (2003), Vogt (2011).

2007b), Caribé (2015), Cassany (2003), Calsamiglia (1997), Grillo (2013), Mora (2003), Vogt (2011).

Por fim, não podemos afirmar que a falta de entendimento do que representa a divulgação científica na contemporaneidade não atrapalhe na produção da disciplina para a população. A dimensão *população* não aparece no entendimento da divulgação científica dos entrevistados. E uma vez que não se reconhece essa dimensão, como direcionar a produção para ela?

Entretanto, devemos destacar algumas produções da Ciência da Religião, que independentemente do conhecimento quanto ao conceito de divulgação científica adotados neste trabalho, foram citadas nas entrevistas e que cumprem com a tarefa:

- O programa *Religare - Conhecimento e Religião*, veiculado pela TV Horizonte e apresentado por Flavio Senra;
- O livro *Religião em tempos de crise*, organizado por Frederico Pieper e Danilo Mendes – resultado do *Religando: cursos de extensão da quarentena* do grupo de pesquisa Estudos em Teorias da Religião (ETER) do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora;
- A ação do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, fruto de um projeto de extensão vinculado a esta dissertação de mestrado – e que será abordado mais à frente, incluindo a aberta análise de seus resultados, de modo a incentivar a divulgação científica da disciplina.

Para concluir, como um primeiro grande ponto identificado nas entrevistas analisadas, verificamos a falta de clareza relativa ao conceito de divulgação científica. E, apesar dessa conceituação equivocada, não se pode dizer que a disciplina não invista em divulgação científica. No entanto, é possível afirmar que as ações de divulgação científica da Ciência da Religião são poucas - e os motivos pelos quais isso acontece serão desdobrados nos subitens a seguir.

4.3 – Mas a Teologia faz!

Uma segunda grande questão a ser problematizada é a de que, em termos de divulgação científica, segundo os sujeitos entrevistados, a Teologia se fazia mais presente do que Ciência da Religião. Essas respostas foram obtidas em dois momentos: no primeiro deles, ela veio logo após a explicação do conceito de divulgação científica nos modelos

abordados neste trabalho. Assim, mesmo ao entender mais sobre divulgação científica (após uma breve explicação dos conceitos aqui utilizados), alguns entrevistados ainda trouxeram:

Acho que a teologia faz pouco mais, talvez, né? Um pouco mais, por causa da questão pastoral. Sim. A gente acaba tendo mais influências nas pastorais, que acaba disseminando. A tradição acaba ocorrendo, né? Tem um trabalho sempre mais nascente da religião. Eu acho que um caminho que se tem é no ensino religioso, porque como tem um trabalho muito grande de produção de material, de acompanhar professores, isso acaba um pouco escorrendo para essa área (Trecho 5)

Vale ressaltar que em nenhum momento se fez entrevistas sobre divulgação científica da Ciência da Religião e da Teologia. Foram contatados programas de que possuem os dois cursos – mas reforçamos que se tratava de um estudo sobre a divulgação científica da Ciência da Religião no Brasil. Assim, parece ainda haver uma confusão da área 44 da CAPES (Ciências da Religião e Teologia), com a disciplina de Ciência da Religião - ou o errôneo entendimento de que a Ciência da Religião e a Teologia, por estarem sob uma mesma área administrativa, são uma coisa só. Confunde-se a área com a disciplina.

Acreditamos que sim, o conhecimento religioso está mais perto da população - seja por sua natureza, objetivo ou necessidade. Em uma religião, por exemplo, há frequentemente o papel de um interlocutor que busca traduzir ou interpretar para os outros as mensagens ou conteúdos de cunho religioso – facilitando seu entendimento. Portanto, o conhecimento teológico dialoga diretamente e precisa ser entendido pela população. Contudo, sob o ponto de vista da divulgação científica isso não significa nada, uma vez que ela consiste na divulgação da ciência – e não do conhecimento teológico.

Para esclarecer, em nenhum momento pretendemos reforçar um embate entre Ciência da Religião e Teologia.⁷ Parte-se do pressuposto de que o conhecimento científico é diferente do teológico. Contudo, como sugere Soares (2007), fomentar este discurso separatista agressivo não beneficia nenhuma destas disciplinas. E uma solução colaborativa, parece ser o caminho:

Finalmente, aposto na possibilidade de uma solução criativa, aberta a colaboração mútua – embora tensa, às vezes – entre teologia e Ciência da Religião. Ambas servem como delimitadores úteis ao espaço da reflexão. (Soares, 2007, p. 301).

⁷ Sabemos que o debate entre Ciência da Religião e Teologia é sensível e muito caro a área. No entanto, o objetivo aqui é discutir a divulgação científica e não fomentar este antigo debate. Este tema pode ser aprofundado em outros estudos, mas aqui a intenção é apenas reafirmar que, ao que se parece, se confunde a área com a disciplina.

Independente das conclusões a que se chega ao discutir a Ciência da Religião e a Teologia – se ambas são ciência ou apenas uma delas, ou se a Teologia exerce o papel da divulgação científica e a Ciência da Religião não - observa-se que elas não afetariam ou exerceriam sequer qualquer relação com o objeto deste estudo: a divulgação científica da Ciência da Religião. Uma não busca sanar as lacunas da outra. Elas estão agrupadas sob a mesma área da CAPES por questões administrativas, mas são diferentes, com objetos e metodologias distintas.

4.4 – O que nós falamos, ninguém quer saber

Aqui, chegamos às questões relativas à suposta falta de credibilidade da Ciência da Religião perante a sociedade e o meio científico. Nas entrevistas essa suposição apareceu sobretudo em dois contextos. No primeiro deles, os entrevistados demonstraram acreditar que o tema abordado pela Ciência da Religião, não é do interesse da sociedade, pois contradiz “verdades que não se deseja deixar de acreditar” (Trecho 6). Já no segundo, os entrevistados baseiam-se na crença de que a falta de credibilidade está ligada ao fato de a disciplina ser nova no meio científico e acadêmico. Para efeito de mensuração, quando se pediu para contextualizar os desafios para a divulgação científica da Ciência da Religião no Brasil, essas duas vertentes de opinião apareceram em 45% das entrevistas.

A opinião abaixo, ilustra a questão da falta de credibilidade:

Quando a gente fala de divulgação científica, isso, na verdade, depende de um reconhecimento, de uma legitimidade do sentido que a gente faz. Tá certo? A gente tem esse reconhecimento evidente, a gente é uma área de avaliação, mas a gente precisa fortalecer esse reconhecimento, porque não basta (Trecho 7).

A suposta falta de credibilidade da disciplina não é objeto deste estudo. No entanto, mesmo que fosse considerada existente, não implicaria diretamente sobre a divulgação científica. Nos estudos sobre divulgação científica apresentados por muitos autores e autoras⁸, a divulgação científica não tem como prerrogativa o nível de credibilidade da área científica. Nesse sentido, citamos que ao acessar no YouTube, no Canal do Religare – Conhecimento e Religião, programa aqui anteriormente descrito, os cinco primeiros vídeos

⁸ Albagli (1996), Authier-Revuz, (1998), Bueno (1984; 1985), Cataldi (2007a; 2007b), Caribé (2015), Cassany (2003), Calsamiglia (1997), Grillo (2013), Mora (2003), Vogt (2011).

com mais visualizações têm respectivamente: 18.000, 12.000, 9.200, 7.800 e 7.200 visualizações.⁹ Frente a isto, como dizer que a população não tem interesse no tema?¹⁰

A rede social Instagram do programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, investiu na produção de conteúdo voltado para a população no ano de 2023. Isso fez com que o número de seguidores que em setembro de 2022 era de 200 seguidores, chegasse a setembro de 2023 em 958 seguidores – um aumento de 379%¹¹.

Por fim, uma breve pesquisa no *Google Trends*¹² oferece uma boa oportunidade para entender os assuntos procurados relacionados à religião. Com diversas segmentações, temos a possibilidade de selecionar os assuntos mais buscados na plataforma Google. E em relação ao termo *religião*, como termos relacionados encontramos¹³: *o que é religião* e *religião umbanda*.

Ainda, nas buscas com crescimento repentino, trazidas pelo *Google Trends*, em primeiro lugar está: *Alcorão, livro sagrado*. Como dizer que a população não se interessa pelo conhecimento produzido pela Ciência da Religião? Obviamente é preciso saber para quem se fala, pois nem todo conteúdo é de aceitação e de interesse de todas as pessoas. Contudo, isso não impede a divulgação do conhecimento produzido pela disciplina.

Nenhum dos argumentos apresentados anteriormente pelos entrevistados representam de fato um empecilho que impeça a divulgação científica. Mas na prática, como fazer? É papel de quem? O subitem a seguir, discute alguns desses pontos.

⁹ O canal foi acessado na plataforma Youtube em 12 de dez. 2023. E deu-se predileção a acessar o canal do Programa Religare através da TV Horizonte uma vez que se entende que o público ali seria de pessoas leigas naquele assunto. Quando acessados diretamente os vídeos do Canal Religare (dentro do canal exclusivo do Religare) os números de visualizações dos vídeos são maiores ainda.

¹⁰ Para tal afirmação compara-se dois fatores: o número de visualizações dos vídeos e a data de disponibilidade para acesso. Quanto ao Religare, por se tratar de um programa que visa esclarecer a população acerca de um tema mais específico, buscou-se compará-lo com programas também de entrevistas com especialistas: o Programa Roda Viva, apresentado na TV Cultura, também que disponibiliza seus vídeos e entrevistas no Youtube. E apesar de ser um programa com veiculação nacional (em todo o Brasil), transmitido por uma emissora com maior destaque e visibilidade que a do Religare, há episódios do Roda Viva disponibilizados no Youtube cujas marcas são inferiores às do Religare. Um exemplo é que o vídeo mais assistido do programa sobre *A Igreja Católica e a Maçonaria – Bloco 01* exibido 26 de jun. de 2018 tem 32 mil visualizações. Já no canal do Programa Roda Viva há vídeos com figuras públicas conhecidas, como Mario Sergio Cortella, por exemplo, exibidos no ano de 2018 com marcas de visualizações de 1,3 mil. As verificações do número de visualizações dos vídeos citados foram feitas em 08 de jan de 2024.

¹¹ E quanto aos temas mais compartilhados e visualizados, um deles intitula-se *Exu não é o diabo*. Assim, utilizando-se de linguagem simples e fácil, o conteúdo esclarece a confusão do diabo cristão com o Orixá Exú. Há interesse no objeto de estudo da Ciência da Religião

¹² Mecanismo que condensa resultados de pesquisa do buscador google.

¹³ Pesquisa feita em: <https://trends.google.com.br/trends/>, na data de 02 dez. 2023.

4.5 Responsabilidades e preconceitos: – não faço porque não pontua

Outros pontos que também apareceram nas entrevistas foram: (i) a responsabilidade de fazer a divulgação científica, (ii) o preconceito, e (iii) o incentivo quanto à divulgação científica. O motivo de se elencar todas essas respostas sobre um mesmo item se dá pelo fato de que esses apontamentos foram revelados sob a mesma pergunta: *quais são os gargalos e as lacunas que você enxerga na divulgação científica da Ciência da Religião no Brasil?*

A discussão quanto à responsabilidade do cientista na divulgação científica é antiga e remete ao jornalismo científico. Conforme explica Mora (2003), o jornalista não possui o mesmo treinamento que o cientista, o que pode levar à distorção das ideias apresentadas. A intenção dos jornalistas é chegar às massas e isso influencia na maneira de escrever ou noticiar um assunto. Logo, uma forma sensacionalista que busque chamar atenção pode ser aplicada, o que muitas vezes se contrapõe à maneira científica de analisar os assuntos. Outro ponto citado por Mora em relação ao jornalismo científico é a propensão de um jornalista em converter qualquer assunto em uma matéria de impacto.

Em relação à questão do jornalismo científico, uma resposta chama atenção:

É preciso que a grande mídia queira entrevistar o cientista da religião. [...] é preciso que o jornalista, o mesmo jornalista que procura um sociólogo para falar sobre o problema X, que procura um jurista ou um psicólogo para falar sobre o problema Y, procure um cientista da religião, procure uma teóloga (Trecho 10).

Obviamente, concordamos que a Ciência da Religião deva estar na mídia, dar pareceres, ser fonte de consulta e informações esclarecedoras. Contudo, imputar o atraso na divulgação científica da disciplina à falta de interesse dos jornalistas ou dos meios de comunicação em contatar um profissional de Ciência da Religião é mais uma vez o resultado da falta de compreensão da divulgação científica e do papel do (a) cientista.

Ainda quanto ao preconceito com a divulgação científica da área, um dos programas analisados, relata sua experiência:

No começo do livro, é difícil a gente acertar a linguagem, sabe? Exagerar, às vezes. Mas uma coisa que a gente percebeu, é que as pessoas, elas gostam, elas têm interesse no conteúdo [...] a gente usava textos como emojis, coisas assim, uma linguagem, bem, a ideia era, por uma vez, uma linguagem para o Instagram, e do Facebook, e a gente fez isso. (Trecho 11)

De acordo com os pressupostos da divulgação científica aqui estudados, a ação da adaptação da linguagem é considerada uma obrigação. E, portanto, qualquer preconceito

quanto à utilização dessa linguagem mais acessível, pode ser considerado desconhecimento da natureza da divulgação científica. Mas a preocupação com esse processo da ciência ter que se adaptar à sociedade e com isso, ser vulgarizada, não é uma novidade.

A cultura do *não faço porque não pontua*, foi inclusive uma das respostas à pergunta: *Você nota empenho ou acredita que se deva divulgar as informações produzidas pela área para a sociedade?* Tal postura diz respeito a não acreditar ser necessário praticar a divulgação do conhecimento produzido pela ciência, pois essa ação não faz com que o (a) cientista ou o programa do qual ele/ela faz parte pontue na avaliação de sua carreira, ou diante do sistema de avaliação dos programas de pós-graduação proposto pela CAPES. Por fim, também foi citada a falta de incentivo quanto à divulgação científica por parte do sistema de avaliação da CAPES como de implicação direta sobre as lacunas na divulgação científica.

Vale frisar que não pretendemos realizar, neste estudo, uma análise direta sobre os incentivos da área 44 da CAPES, de Ciências da Religião e Teologia, para se afirmar a veracidade dessas opiniões. A intenção aqui é entender os desdobramentos dessas afirmações em relação à divulgação científica da disciplina. Logo, entende-se que, ainda que incentivada ou não pela CAPES, a divulgação científica poderia ocorrer com mais frequência, sendo necessário o reconhecimento do cientista como responsável primário pela divulgação científica. Incentivo ou falta de incentivo não seria a motivação da divulgação científica. Como abordado anteriormente, ela tem como foco a divulgação da informação para a população a partir do entendimento adequado do papel do cientista e da ciência para a população. E, portanto, mais que incentivo, depende de o cientista ter uma visão limitada ou abrangente da ciência e de seu papel.

No entanto existe uma concordância de que esse debate é longo. O cientista é o principal responsável pela divulgação científica, mas ela é uma tarefa também das instituições e até do governo. E não bastam ações pontuais. É preciso incentivar a divulgação científica para que uma cultura de divulgação científica possa verdadeiramente florescer. É preciso criar uma estrutura capaz de dar suporte ao (à) cientista, às universidades e às instituições científicas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A divulgação científica possibilita à ciência dialogar diretamente com a sociedade. É por meio da tradução da linguagem científica, do exercício de transpô-la para algo palatável,

visando ao entendimento do conteúdo pelo público que a ciência pode informar a população a respeito de seus avanços, descobertas e temas de estudos. Esse exercício da ciência para com a sociedade não é somente parte do que a população espera da ciência, é parte vital que legitima sua existência. Se a ciência não é capaz de apoiar a humanidade em seu desenvolvimento, retribuindo a ela o fruto de seu conhecimento e permitindo avanços – sejam eles econômicos, sociais, educacionais, políticos, na área da saúde, de qualquer outra natureza, - qual é sua função?

A Ciência da Religião, ao se utilizar da divulgação científica, pode reverter seu conhecimento de forma útil para a população. Isso contribui não apenas para cumprir o papel natural da ciência, mas ainda possibilita à disciplina se posicionar como fonte de conhecimento científico essencial para vida na contemporaneidade. A divulgação científica é, para a Ciência da Religião, uma parceria frutífera, capaz de trazer reconhecimento e divulgação à disciplina.

Em relação a forma como os programas de pós-graduação em Ciência da Religião no Brasil entendem a questão da divulgação científica, verifica-se que:

O conceito de divulgação científica, tal como seu papel, era visto a partir de concepções pessoais, que não dialogavam diretamente com os requisitos da divulgação científica apresentados por especialistas no assunto. O entendimento majoritário era de que a divulgação científica seria a divulgação do conhecimento para o meio científico e não para a população leiga no assunto.

Assim, o entendimento primário de que a Ciência da Religião no Brasil não compreendia corretamente o papel da divulgação científica - o que a levava a investir em ações de disseminação de conhecimento -, mostrou-se correto. No entanto, assumir que esse entendimento errôneo do conceito de divulgação científica não permite realizar a divulgação científica da disciplina também não seria correto. Mesmo não sabendo desse conceito, foram notadas ações da área que contemplavam todas as especificidades da divulgação científica.

Constatamos ainda que, a população tem interesse no conteúdo produzido pela área. Assim, por mais que se apresentem algumas afirmações no sentido de: (i) suposta falta de credibilidade da disciplina; (ii) Ciência da Religião e Teologia estarem sob uma mesma área de conhecimento; (iii) falta de incentivo quanto à divulgação científica; (iv) falsa afirmação *o que nós falamos ninguém quer saber*, observa-se que nada disso obsta a divulgação científica da Ciência da Religião. A ação da divulgação científica, na verdade, dialoga com o entendimento que o cientista tem acerca do seu papel e da ciência.

Finalmente, quanto a uma especificidade da divulgação científica na Ciência da Religião, é preciso que não se busque fazê-la de maneira belicosa – no intuito de diminuir uma crença religiosa. Isso poderia minar o interesse da população em entender mais sobre os temas abordados pela Ciência da Religião, além de fomentar o distanciamento entre sociedade e ciência. Apesar dessa ressalva, concluímos que empreender a divulgação científica da Ciência da Religião é urgente e beneficia tanto a população quanto a disciplina.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. Divulgação científica: informação científica para a cidadania? **Ciência da informação**, Brasília, v.25, n.3, p. 396-404 1996.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas: Unicamp, 1998.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. La mise en scène de la communication dans des discours de vulgarisation scientifique. In: **Langue Française**. Paris: Larousse. 1982. p. 34-47.

BRASIL. MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES (MCTI). **Percepção pública da C&T no Brasil – 2019**. Resumo executivo. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2019.

BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo científico: conceitos e funções. **Ciência e cultura**, v.37, n.9, p. 1420 – 1427, 1985.

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente**. 1984, 364f. Tese de Doutorado (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1984.

CARIBÉ, Rita de Cassia do Vale. Comunicação científica: reflexões sobre o conceito. **Informação & Sociedade**, v.25, n.3, p. 89-104, dez. 2015.

CARIBÉ, Rita de Cassia do Vale. Comunicação científica: reflexões sobre o conceito. **Informação & Sociedade**, v.25, n.3, p. 89-104, dez. 2015.

CALSAMIGLIA, Helena. Divulgar: itinerários discursivos del saber. **Quark; ciência, medicina, comunicación y cultura**, Barcelona: Observatorio de la comunicación Científica, Universitat Pompeu Fabra, n. 7, p. 9 – 18, 1997.

CASSANY, Daniel. Análisis de la divulgación científica: modelo teórico y estrategias divulgativas. In: **Congreso de la sociedad chilena de lingüística: Texto, Lingüística y cultura**, 2003, Cidade de Realização. Anais XIV Congreso de la Sociedad Chilena de Lingüística. Comunicaciones seleccionadas. Osorno: Editorial Universidad de Los Lagos, 2003, p. 57 – 80, 2003.

ESCOBAR, Herton. Divulgação científica: faça agora ou cale-se para sempre. In: VOGT, Carlos.; GOMES, Marina.; MUNIZ, Ricardo (orgs). **Consciência e divulgação científica**. Campinas: BCCL/Unicamp, 2018. p. 31-37

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

GRILLO, Sheila. V. C. **Divulgação científica: linguagens, esferas e gêneros**. 2013. 334 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas– Universidade São Paulo, São Paulo, 2013.

MORA, Ana María Sánchez. **A divulgação da ciência como literatura**. Trad. S. P. Amato. Rio de Janeiro: Casa da ciência/Ed. Da UFRJ, 2003.

PIEPER, Frederico.; MENDES, Danilo (orgs). **Religião em Tempos de Crise**. São Bernardo do Campo, SP: Ambigrama, 2020.

WELLCOME TRUST. **Wellcome Global Monitor 2018: How does the world feel about science and health?** London: Gallup, 2019. Disponível em: <<https://wellcome.org/reports/wellcome-annual-report>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

UNESCO. Recommendation on Open Science. [S. l.]: [S. Ed.], 2022. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379949_por>. Acesso em: 20 dez. 2023.

VOGT, Carlos. De Ciências, divulgação, futebol e bem-estar cultural. In. PORTO, Cristiane; BROTAS, Antônio M. P.; BORTOLIERO, Simone T. (org.). **Diálogos entre ciência e divulgação científica**. Salvador: Edufba, 2011. p. 7-17

Conflito de interesses: O autor declara não haver conflito de interesses.

Recebido em: 05-05-2024.

Aprovado em: 05-04-2025.

Editor de seção: Flávio Senra